

Programa Nacional de Vacinação

As doenças infecciosas são causadas por microrganismos que têm a vantagem de se reproduzirem e evoluírem muito mais rapidamente que os seus hospedeiros humanos, podendo por em perigo a vida do “Homo sapiens” (Peter Parham *in The immune system*).

“O engenho, o conhecimento e a organização alteram mas não anulam a invasão dos seres humanos por formas de vida parasitas. As doenças infecciosas que antecederam a emergência da espécie humana... permanecerão sempre como um dos parâmetros e determinantes da história da humanidade” (William H. McNeill *in Plagues and People*).

Para contrariar esta vulnerabilidade dos seres humanos aos microrganismos foram-se desenvolvendo ao longo dos séculos tentativas de minimizar o seu impacto na saúde. Foi assim que surgiu, em 1796, oficialmente, a primeira vacina contra a varíola, apesar de o conceito de “vacinação” já ter sido operacionalizado anteriormente, (de forma empírica), pelo menos desde 1774.

A vacinação como forma de proteger o ser humano contra determinadas doenças tem, portanto, uma “história curta quando comparada com séculos durante os quais o ser humano lutou desesperadamente para se ver livre de várias pragas e pestilências...” (Stanley Plotkin *in Vaccines*).

As vacinas “descobertas” há mais de duzentos anos, com destaque para o desenvolvimento verificado no século XX, consistem na inoculação deliberada de microrganismos causadores da doença (ou partes destes), modificados por forma a perderem a virulência mas com capacidade de induzir imunidade com segurança para o hospedeiro.

Ou seja, aquelas inoculações (vacinas) imunizam / protegem as pessoas vacinadas contra doenças específicas (por exemplo a vacina contra a poliomielite é constituída pelos 3 vírus polio e imuniza os indivíduos por forma a que estes não contraíam poliomielite quando expostos aos vírus polio).

Além da proteção individual, a maioria das vacinas tem ainda a capacidade de, a partir de determinadas taxas de cobertura vacinal, interromper a circulação dos microrganismos entre pessoas originando aquilo a que se chama “imunidade de grupo”. Este benefício para a sociedade é claramente uma mais-valia da vacinação em massa.

Conforme as suas características e a epidemiologia das doenças numa determinada zona ou país, as vacinas podem integrar os programas de vacinação nacionais (com esquemas adaptados à realidade de cada país ou região), podem ser aplicadas

mediante indicação médica, numa base individual, podem ser utilizadas para determinados grupos de risco ou em circunstâncias especiais, como as viagens ou durante um surto.

Organizações internacionais como a OMS, o ECDC (European Centre for Disease Prevention and Control) ou o CDC (Centers for Disease Control and Prevention), instituições da maioria dos Estados em todo o Mundo, Organizações não Governamentais, Sociedades Científicas e cidadãos recomendam, promovem e implementam a vacinação como forma de obter ganhos em saúde assinaláveis. Aliás, quando uma nova doença infecciosa emerge, o primeiro desejo dos povos é que seja descoberta uma vacina que anule a ameaça e livre os povos do medo do contágio, tão presente no passado.

Graças às vacinas, milhares de vidas foram salvas e milhares de crianças em todo o mundo tiveram a oportunidade de viver mais saudáveis e felizes, crescendo, aprendendo e brincando sem o medo e sem as consequências de contrair doenças debilitantes, incapacitantes e mesmo letais (adaptado de discurso de Nelson Mandela).

As vacinas melhoram a saúde e o bem-estar dos povos, contribuem para a eficiência e sustentabilidade dos serviços de saúde e são um fator de desenvolvimento. Foi uma vacina que permitiu, pela única vez na história da humanidade, a erradicação de uma doença - a varíola, uma doença grave, extinta em 1980.

As ameaças de bioterrorismo e a resistência à vacinação são, entre outros, desafios para os quais devemos estar preparados, defendendo a vacinação como um bem universal. A par da água potável, a vacinação é a mais potente das medidas de prevenção de doenças e de promoção da saúde.

Maria da Graça Freitas, 17/08/2015